

A GRAIA DÓS

MARIA LUCIA GILI MASSI*

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

RESUMO: *Este texto argumenta que Deméter não se afasta do seu âmbito de poder divino quando assume a aparência de uma velha estando no palácio de Celeu.*

PALAVRAS-CHAVE: *épica grega; Homero, Hino homérico; Deméter; velha, graia.*

Nem Penfredo, nem Ênio¹, o *Hino Homérico à Deméter*² não diz respeito a essas que já nasceram velhas, mas refere-se a uma imagem gerada pela Terra-Mãe para se manifestar na terra (*Dem.* v.93-94). Essa hierofania, que sinaliza a sacralidade das ações a serem praticadas por Deméter na figura de uma *graia*, comporta uma imbricação que se desdobra em três níveis: em um primeiro nível é deusa que se assemelha a uma velha; num segundo, é velha que se assemelha a uma nutriz e uma intendente; num terceiro nível é nutriz apropriada para cuidar dos filhos dos reis justos. Entre um nível e outro há perfeita correlação e todos são completamente harmônicos com a natureza da Mãe-Terra (Gh-mhthr). Encaixados uns nos outros, esses níveis se complementam, tecendo uma teia de reciprocidades que formam uma idéia única, sob a etiqueta de *Dós*.

Sentada no poço das Virgens, à beira do caminho, na sombra de uma das profusas oliveiras da paisagem eleusina, a velha *Dós* é avistada pelas quatro filhas do rei Celeu, quando iam buscar água. Essas jovens crescem com o vigor que a deusa deliberadamente e visivelmente descartou.

Calídice, a única dentre as irmãs a lhe dirigir a palavra, percebendo e exteriorizando a ambivalência que há entre a aparência e a essência da estrangeira, diz: (*Dem.* v.157-159): “*Mesmo que, à primeira vista, uma delas desonrasse a tua aparência, da casa não te afastaria; mas todas te receberão, pois és semelhante aos deuses*”. A contradição que essas palavras formula não é atributo específico da velha *Dós*, mas emblema a velhice, que comporta aspectos díspares: enquanto a aparência pode causar repulsão, a essência favorece a propensão. A velhice é ambivalente: de um lado, é manifestação maligna que se evita repulsivamente, porque assinala o anún-

cio da morte; de outro, é objeto benévolo em que se confia plenamente, pois acolhe e protege a vida (Murari Pires, 1995).

Transformada em velha, Deméter se auto-representa de modo compatível com a sua configuração enquanto deusa que abraça os dois pólos pelos quais a velhice pode ser considerada: em seu seio morre a semente que dá luz ao alimento e nutre o homem; nutrindo-o, transforma-o de criança em jovem, de jovem em adulto, de adulto em velho, de velho em defunto, quando, então, a deusa o acolhe de volta e transformado em seu seio. Vida e morte repousam em seu ventre, encerrando a contradição que constitui a essência da condição humana: a vida humana nutre-se da morte do alimento, e o homem, porque se nutre vive, e, porque vive, morre.

Ao prever que a velha poderia vir a ser desonrada por causa da aparência, Calídice refere-se à primeira impressão, a que resulta do contato visual, refere o aspecto físico; na velhice, a pele, tendo perdido a seiva viçosa da vida, resseca-se, enruga-se, tornando repugnante o aspecto superficial. Dós, então, pode vir a ser desprezada porque é em sua forma exterior que os sinais de degenerescência se evidenciam.

Mas, por outro lado, e, concomitantemente, ela é semelhante aos deuses, *theoiKelos*³, predicativo que liga o sujeito ao heroísmo, visto que o adjetivo *divino* é qualidade característica dos heróis que realizam façanhas sobre-humanas, quer no combate individual, quer estando na primeira fileira da formação hoplítica. Assim, no primeiro encontro entre a jovem e a velha, aquela, ao comparar a idosa a uma heroína, identifica a ambigüidade que é a marca da presença da deusa entre os mortais.

Tal comparação, no entanto, é inapta para uma deusa, a quem está reservado o lugar mais alto na hierarquização do divino, enquanto que ao herói cabe posição inferior. Entretanto, o herói aproxima-se da condição divina graças a sua morte, ocasião em que lhe é imputada a honra indestrutível (Vernant, *A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado*). Seu túmulo constitui o centro do culto heróico, os sacrifícios oferecidos ali assemelham-se aos efetuados aos deuses ctônios, ligados à sobrevida dos mortos e à fertilidade do solo, semelhança que explica o nexa entre Deméter e o herói e que justifica a aproximação sugerida pela definição da jovem.

Tal comparação é inapta, ainda, para quem possui a idade avançada, pois essa, para os gregos, se equipara à morte. Tornar-se velho é ver pouco a pouco a vida se desfazer. Na velhice, todos os valores pelos quais a vida se manifesta: vigor, beleza, graça, agilidade, murcham e se esvaem no nada. Calídice, mortal, estando

na flor da juventude, na floração primaveril, é portadora desses atributos, enquanto que a *graia*, imortal, enfrentando já o inverno de sua suposta vida humana, é totalmente despojada deles.

Todavia, a comparação é perfeitamente apta para uma velha que, em detrimento de uma vida própria, dedica-se inteiramente à vida de outros, seja na função de nutriz, seja na função de intendente; em ambas seu heroísmo patenteia-se na sublimidade de seus sentimentos e atos. Esse seu modo dado⁴ de ser, imita a natureza doadora da Mãe-Terra que se sacrifica⁵, em prol da humanidade, para trazer à luz as plantas. A essa magia da mãe divina, relaciona-se a magia da mãe terrena que realiza a proeza heróica de dar à luz e, desde então, abre mão da própria vida, em benefício do filho. O feto, durante o período da gestação, nutre-se do sangue da mãe, fundamento inviolável que perpetua o laço entre a geradora e o ser gerado.

O *télos* da vida do homem é a guerra, o da mulher é parir; em ambas as ocasiões a vida deles está em jogo, e, por isso, são heróis. Sacrificam a vida em benefício de outro, o guerreiro no campo de batalha, a gestante ao parir, ele no auge de sua *areté* viril, ela no apogeu de sua *areté* fecundante. Os dois, plenos da potência vital isenta de qualquer decrepitude, podem ser levados pela morte, que será heróica porque lhes colherá no ápice do desempenho de suas realizações.

Nascimento e nutrição são os poderes que a mãe terrena têm e que a tornam idêntica à Deméter. Talvez seja essa magia capaz de dar forma às formas e de as alimentar que Calídice percebe na velha ao compará-la aos deuses, ou, quem sabe, a relação nasce da acepção positiva de *graia*, que traz na lembrança uma senhora digna de respeito e veneração, em que a velhice, avançada em anos, assinala valiosos préstimos, benfazejos socorros e sensata sapiência, como é o retrato da velha criada de Laertes, Euricléia (*Od.*, 1,425-443; 19,335-360; 467-504; 22,391-434.). Seja como for, *Dós*, por ser em sua essência doadora, divina, será bem recebida em qualquer um dos nobres lares catalogados pela filha do rei local.

Nessas casas, a *graia* *Dós* se propõe a realizar dois tipos de trabalho: nutriz (*Dem.* v.141-142) e/ou intendente (*Dem.* v.143-144), ocupações harmoniosas com o seu disfarce (*Dem.* v.103-104), e, mais do que isso, ambas ancoradas na essência divina da Mãe-Terra.

Coerente com seu ser, Deméter assume a aparência de uma velha semelha às nutrizas (*Dem.* v. 101-103). Ofício que bem traduz sua natureza divina, uma vez que a função precípua de uma nutriz é ser ama-de-leite, e, o leite, com que a aia aleita o bebê, é para a criança o mesmo que o pão é para o adulto: propriedade

alimentar tipificadora da condição humana. De bebedor do leite materno, o homem se torna comedor de pão, pão feito de trigo, o sagrado grão de Deméter. Pão e leite são a base do sustento da vida humana, de modo que, ao se dissimular na terra, a deusa mantém-se coesa com a sua esfera de atribuição, pois, assim como o cereal, que nutre o homem, é um item da sua condição enquanto deusa, o leite, que nutre o neném, é um atributo da sua ocupação enquanto ama, em ambos ela desempenha a função maternal de alimentar a raça humana.

Coerente com seu ser, Deméter assume a aparência de uma velha nutriz, semelhante às aias dos filhos dos reis justiceros (*themistopulos basileús*). Especificação harmônica com a solidariedade que há entre ela e as três filhas de *Thémis*, a Justiça Divina: Equidade, Justiça e Paz viçosa (*Teog.* 901-3), que têm por função estabelecer a ordem, seja na boa distribuição dos bens sociais, seja nas boas relações entre os homens, seja na disciplina que rege as forças produtivas da Natureza; uma emanada na outra, unificadas nas deusas Horas ou Estações. Essas regulam a Natureza, o tempo e as ações humanas, integrando-os num todo único, íntegro, que será favorável ou desfavorável à coletividade dependendo do modo pelo qual os homens tratam a justiça. Distribuindo-a com equidade, as deusas favorecem a fertilidade do solo, e, então, a colheita é farta e a paz vigora, caso contrário, exaurem as forças fecundas da terra e a semente não germina.

Há, pois, estreita associação entre Deméter, as Estações e o *basileús*, na medida em que esse, encarnando a autoridade mais alta entre os homens, detém o poder de conservar e interpretar as fórmulas pré-jurídicas não escritas e administrar a justiça na terra⁶. Não é por outra razão, senão por essa, que a mãe de Calídice, a rainha Metaneira, vê nos olhos da velha o respeito (*aidós*) e a graça (*kháris*) (*Dem.* v. 214-15), sentimentos inerentes ao rei pio, a quem cabe a atividade jurídico-religiosa.

Enquanto a inexperiente Calídice titubeia entre a aparência e a essência da velha (*Dem.*v.157-159), sua mãe, mais direta, exibindo a experiência que o viver lhe oferece, rapidamente, interpreta a expressão que *Dós* traz nos olhos (*Hino Dem.* 214-215). Metaneira, com seus olhos vividos, que são fontes alternativas de conhecimento, enxerga nos olhos vívidos da serviçal o recato sagrado, o respeito devido à *timé*, o pudor, a delicadeza de coração, o favor divino, a formosura, o confortante encanto da primavera, a alegria, enfim, uma abundância de dádivas, traduzidas pelos sentimentos de veneração e graça. Duas formas divinas pletoras e dádivas, como inexauríveis são as doações da Mãe-Terra.

Aidós/veneração e *Kháris/grça*, ambos nomes de deusas, são expressões vias da profunda afeição que o homem grego deposita nos deuses e nos antigos reis,

pois o exercício da realeza tem fundamento divino, já que o princípio de sua autoridade régia alcançou a concessão do próprio Zeus. As duas formas divinas traduzidas nesses sentimentos, envolvem tanto os homens que honram quanto os seres divinos dignos de serem honrados, porque esses, ao distribuírem seus dons tornam aqueles felizes, de modo que tanto doador quanto receptor participam da mesma dádiva, fazendo com que sujeito e objeto tornem-se um. No entanto, a *aidós* religiosa, o medo respeitoso perante o sagrado, é o poder mais forte da época arcaica para impor limites aos homens.

A rainha, por conseguinte, também revestida desses sentimentos, vê similitude entre os olhos da recém-chegada e os olhos dos reis justos e, ao confrontá-los, especifica que é a identidade jurídica do rei que fundamenta o privilégio da comparação. Assim, Metaneira entrevê um vínculo entre a criada, futura nutriz de seu filho e intendente de seu lar, e o dono da casa, o rei Celeu.

Segundo a concepção mágico-religiosa da realeza, a virtude benéfica do bom rei deve manifestar-se no exercício de duas funções: como guardião dos homens, deve velar pela observância da justiça, como dispensador da riqueza, deve favorecer a fecundidade do solo e dos rebanhos. Tais funções confundem-se com as da Mãe-Terra: como guardiã das leis sagradas da Natureza, vigia o respeito à Ordem, como distribuidora da riqueza, patrocina a energia fecundante dos homens, dos animais e vegetais; uma função integrada na outra, e as duas harmonizadas com as funções das deusas Estações.

No estágio de desenvolvimento em que se encontra a *pólis* de Elêusis, os assuntos pertencentes ao domínio público são regulamentados mediante um debate livre, em uma discussão pública na ágora. Além do povo, participam dessa assembléia as seis autoridades judiciais apresentadas por Calídice (*Hino Dem.*v.153-155), a quem competem as funções reais de guardar as muralhas da cidade, mediante a administração da justiça, e favorecer a fecundidade do solo.

Os seis nobres de Elêusis e a assembléia encontram-se sob o poder protetor de Zeus, de onde emana todas as leis. Como juízes, na ágora, os nobres ostentam o cetro, símbolo da autoridade e a marca da lei divina no processo regular da *ekklesia* (assembléia). Se decidem de modo injusto, Zeus, atendendo ao pedido de sua filha, Justiça, ofendida, lança-lhes maldições (*Od.* 14,82-3, *Il. Ilíada* 1, 234; 9,98; 16, 384-393).

Os reis a que Calídice se refere são os primeiros entre os eleusinos porque cabe-lhes a responsabilidade de regularizar os problemas, os trabalhos agrícolas, a atividade pastoril e as relações de vizinhança. Por suas excelências jurídicas são

honrados não só pelos homens locais, mas também pelos deuses, pois sendo sensatos em seus julgamentos demonstram reconhecimento à soberania de Zeus e, por isso, os deuses os protegem (*Od.*, 19,107-114).

Elêusis prospera graças a *areté* jurídica dos nobres locais, chefiados pelo velho Celeu (*Dem.* v. 165, v.219) , “o guia de povos” (*Dem.* v.475), posição ocupada não só por ser um soberano virtuoso, mas, sobretudo, por persistir nele a energia ativa, indispensável à conservação do seu poder.

É, pois, no palácio desse piedoso *guia de povos*, respeitador da *Dike*, a quem, como deusa, já propícia a dádiva da fertilidade, manifestada sob várias modalidades, que Deméter se instala como velha. Os donos da casa, graças aos seus dons divinos, já em idade avançada (*Dem.* v. 164-165; 219-220), quando não tinham mais possibilidades de conceberem, geram Demofonte, o futuro sucessor do pai.

Obsequiada pela deusa, a esposa do rei, Metaneira, é a própria imagem da fecundidade, seus quadris, pela imagem que o reincidente epíteto “*bem cinturada*” projeta, são largos (*Dem.* v.212, v.234, v. 243 e v. 255) e seu traseiro, como delinea o atributo “*funda cintura*”, a considerar que o adjetivo “*funda*” remete para as laterais que transbordam realçando as nádegas, é exuberante (*Dem.* v. 161), conformação que favorece o momento do parto, facilitando a passagem da criança e, com isso, reduzindo o risco de morte tanto da mãe quanto do bebê. Essas formas aproximam a rainha das estatuetas cretenses, deusas de configurações volumosas e esteatopígicas, hipóstases da Terra-Mãe, cuja função é fertilizar o solo e tornar fecundos os rebanhos e os homens.

Celeu é um idoso viril (*Dem.* v. 155), razão pela qual está isento do infortúnio que coube a Peleu, o pai de Aquiles. O herói (*Od.* 11,494 e seg.), no Hades, preocupa-se com o pai porque um rei envelhecido não é só destituído do cargo, mas, é, sobretudo, desonrado, porque a sua função, já que ele é de origem divina, é fecundar e manter viva e atuante a sua energia mágica, que se desvanece quando ele se torna impotente, motivo que o obriga a ceder seu posto a um jovem capaz de manter acesa a chama da fecundação e da fertilidade dos campos, uma vez que, magicamente, essa está ligada àquela. O pai de Demofonte não corre esse risco, porque sendo nutrido por Zeus, apazigua com justiça as querelas e arbitra com lisura os conflitos na ágora, o que o torna protegido de Deméter, que lhe dá o vigor físico, que, por irradiação, é transmitido à natureza, tornando opulentos os campos eleusinos (*Dem.* v. 93), razão pela qual seus celeiros estão cheios de grãos, seu gado se multiplica no pasto, sua vida é farta e, por tudo isso, é respeitado pelo povo.

Como intendente, a velha *Dós* se dispõe a vigiar o palácio, a estender o leito do dono da casa e a organizar o trabalho doméstico. Ao pretender estender o leito no fundo do tálamo (*Dem.* v. 143), a velha intendente também não se afasta do domínio de Deméter, porque o termo *thálamos* aponta para a parte mais recuada, mais íntima da casa e a palavra *mukhos* indica o “fundo” da morada, um lugar restrito, fechado à chave, proibido aos estrangeiros e aos escravos do sexo masculino. Desse modo, a expressão *no fundo dos tálamos* comporta um aspecto ctônio, e, por estar associada ao leito conjugal, evoca a união íntima, o desfrute dos prazeres de Afrodite, indiciando que o casal possui o vigor físico e conta ainda com a função fecundante de Deméter.

De todas as atividades listadas por *Dós*, a principal função de uma intendente é a de guardiã das riquezas do dono da casa, armazenadas dentro do *thálamos*, ninguém tem acesso a esse tesouro, a não ser a esposa e uma governanta⁷ de confiança.

Caracterizando-se com o semblante de uma *tamia* (intendente), a velha evoca Héstia *Tamia*, aproximação que supõe uma afinidade entre Deméter e sua irmã mais velha, Héstia. É atribuição da deusa do lar, Héstia *Tamia*, assumir a concentração da riqueza da família. Embora Héstia simbolize o interior da casa, como *tamia*, compete-lhe guardar tanto os bens domésticos, internos, constituído de reservas de alimentos, tecidos, metais e outros, quanto os externos: os rebanhos, outro pólo do tesouro real.

A *graia Dós*, ao pretender desempenhar a função de *tamia*, não se distancia da honra que compete à Deméter, pois os dois itens essenciais que constituem a riqueza real são seus atributos divinos: o acúmulo de alimentos e o rebanho que cresce no pasto.

Graças a energia fecundante da velha Mãe-Terra, prossecutora das Grandes Deusas do Neolítico, a semente germina e eclode, originando o alimento que colhido é armazenado no jarro do celeiro, constituindo uma importante reserva para a subsistência familiar e para a perenidade do *génos*.

O tesouro real, resultante dos trabalhos agrícolas, é derivado das duas formas diferentes que podem revestir a posse do solo⁸. A primeira diz respeito a uma propriedade coletiva dos aldeões que alimentam o rei mediante remessas de alimentos. A segunda trata de um *témenos basileion*, um terreno oferecido ao *basileús* como recompensa pelos seus excepcionais serviços ou pelas suas façanhas guerreiras. Nele, os camponeses lidam com a terra sob os olhares cuidadosos do proprietário. Qualquer que seja a forma de posse do solo, o importante é que ele conte com a proteção de Deméter para fazê-lo produzir.

Não é competência real as lidas com o campo, assim como não é da responsabilidade dos lavradores regulamentar as disputas. Cada qual tem seu papel definido, no entanto, há entre ambos uma convivência mágica: o modo pelo qual o soberano se desincumbe da sua função judiciária reflete-se diretamente no universo do camponês. Se o rei observa as normas da justiça divina, conforme a prática transmitida pela tradição, o fruto cresce em abundância no campo, caso contrário é exaurido.

Também duas são as formas capazes de aumentar o rebanho no pasto. Uma delas, ilícita, conta com a cumplicidade de Hermes, ladrão de rebanho, que acrescenta aos seus próprios animais os que provêm das incursões nas terras vizinhas. A outra forma, lícita, conta com a força fecundante de Deméter: a mesma energia que faz germinar a semente do grão no campo, faz proliferar o sêmen do boi no pasto, pastoreado por Hermes.

O alimento imóvel guardado no silo e o gado que avança pelo campo formam dois itens fundamentais da fortuna do rei, e, ambos dependem da energia fecunda da Mãe-Terra, que dá origem às formas e as alimenta. Portanto, a riqueza real, que é diretamente proporcional à eficácia com que o rei se desempenha das suas duas funções, sujeita-se ao dom de Deméter, porque há entre ambos uma similitude de funções: como guardiã das leis sagradas da Natureza, a deusa é protetora dos homens, e se o rei não os trata com justiça, ela não lhe patrocina a fertilidade e sem esse dom o rei é afastado do posto.

Do mesmo modo que há afinidade funcional entre *Héstia Tamia* e Deméter, há harmonização entre essa e as deusas Horas que, por sua vez, conciliam-se com Zeus, que, representado pelo rei na terra, completa o círculo.

Se o rei não honrar as deusas Horas, não contará com a proteção de Afrodite, para espalhar a sua força de atração, e, nem com o dom de Deméter, para disseminar a sua energia fertilizadora que faz produzir a safra, crescer o rebanho e continuar a descendência do *génos*.

Havendo harmonia entre as deusas Horas, Deméter e o *basileús*, a cidade desenvolve-se, floresce em prosperidade sem limites. Caso contrário, a *pólis* se emurchece em destruição, calamidade e fome, porque Zeus, personificação da *Díke*, envia-lhe maldições sem fim.

Deméter vai para Elêusis e se instala como nutriz e intendente na casa de um rei detentor da *areté* jurídica, razão pela qual ela já o favorece com a sua energia fecundante. Essa força, no próprio rei, representa uma dádiva essencial, vital mesmo, para salvaguardá-lo no poder. Na rainha, essa mesma potência é importantíssima na medida em que dela depende a fertilidade de todas as mulheres, da

terra e do rebanho. A deusa é protetora dos dois: a Celeu, dá o vigor que o mantém viril, à Metaneira, dá as formas físicas de uma parideira, conformando-a com as estatuetas cretenses, hipóstases da Terra-Mãe. Sendo assim, o palácio de Celeu e Metaneira vem a ser um centro irradiador de todo o poder fecundante da Mãe-Terra, porque é da responsabilidade da autoridade real difundir essa potência, que é uma dádiva, que é divina, que é Deméter. Nesse sentido, Deméter doa a Celeu o que é atributo do seu poder real, e isso explica os sentimentos de pudor e alegria vislumbrados pela rainha nos olhos da velha, que a tornam semelhante aos reis justos.

Entretanto, a deusa ainda dispõe de outras dádivas a serem propiciadas à realeza local e todos esses presentes também se constituem em atributos do poder do rei: ela ordena a construção do seu templo e do altar (*Dem.* v. 297-298), assinando, talvez, a autonomia política, econômica e militar da cidade, que passou a ter por centro, o altar da deusa; ensina a técnica do cultivo agrário do trigo, substituindo a base alimentar, então, constituída de cevada (*Dem.* v. 452), por trigo (*Dem.* v.454); e, finalmente, entrega as normas dos seus mistérios (*Dem.* v. 476-478).

Dós e Deméter estão tão implicadas uma na outra, no nome, na figura, nas funções, no lar onde atuam que se torna difícil estabelecer a fronteira entre elas, de modo que ao se falar em *Dós*, fala-se em Deméter e, falando-se na Mãe-Terra, fala-se de *Dós* entre os homens.

Penfredo e Ênio, apesar de enfeitadas com encantos femininos sedutores, essa com um manto de açafraão, aquela com um manto perfeito (*Teog.* 273), são de natureza monstruosa. São monstros marinhos representantes da imensidão e do caráter informe do mar, estão inseridas na banda destrutiva da linhagem do Mar, porque fundamentam aspectos negativos e desfavoráveis do ser, dando continuidade à geração da Noite. De modo totalmente oposto, a velha *Dós*, apesar de carregar um manto escuro, possui a essência de um ser de natureza benévola, pertencente à lista dos descendentes do Céu, representante dos aspectos positivos e favoráveis para o homem; mãe caridosa e desvelada, causadora da condição humana e, tendo causado e alimentado essa forma, é causa de todas as formas.

Do confronto entre essas velhas, constata-se que a aparência delas subdivide-se em dois níveis: o menos exterior, a cobertura da essência, refere a pele; o mais exterior, a cobertura da pele, o manto. Um e outro são permutáveis pelos deuses sem que haja mudança na sua natureza divina: Afrodite (*Il.* 3,385-394) apesar de assumir as feições de uma velha, continua desempenhando sua função

divina e incita Helena ao encontro amoroso com Páris; Deméter, com a pele de uma velha, trajando um manto tão escuro quanto o remanso onde põe em movimento sua energia, permanece em seu campo de atuação divino, seja como nutriz, seja como intendente. Através desses exemplos é possível inferir que os deuses, independentemente do semblante que assumam ou do revestimento de seus corpos, nunca se afastam de seu âmbito de poder, da forma fundamental do mundo que representam, e, talvez, seja por isso que Platão (*República* 381 e seg.) tenha afirmado que os deuses são os menos capazes de sair de sua própria forma, pois eles dissimulam a aparência, mas jamais falsificam a essência, a idéia que desvelam.

NOTAS

- * Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do DLCV-FFLCH-USP
- 1 São as *Graias*, filhas de Forcis e Ceto (*Teogonia* v. 270 e 273).
 - 2 Esse é um dos quatro hinos homéricos mais extensos. São chamados homéricos porque pertencem ao gênero épico e por apresentarem técnica de composição análoga à obra homérica. Na realidade, sua autoria é desconhecida. Para a tradução foi adotado o texto grego estabelecido por Jean Humbert, *Hymns*, Paris, 1959.
 - 3 Empregado para Aquiles (*Ilíada* 1, 131).
 - 4 Para a antiga piedade grega "dado" significa dado divinamente (*Ilíada*, 3,65-66).
 - 5 Sacrifica-se porque abre mão da própria filha, Perséfone, por um terço do tempo.
 - 6 Na época acádica, o rei, por deter a semente e o conhecimento do momento oportuno para preparar a terra, plantar e colher, era responsável por renovar o tempo promovendo, assim, o eterno retorno.
 - 7 Euricléia é a responsável pelo tesouro da família (*Odisséia*, 2, 337-376).
 - 8 Conforme é mostrado no escudo de Aquiles (*Ilíada* 18, 541-560).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HESÍODO. *Hesíodo e o seu "Os Trabalhos e os Dias"*. Por Moses Bemsabat Amzalak. Academia das Ciências de Lisboa. Biblioteca de Altos Estudos. Lisboa. 1947.
- _____. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e comentários Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.

- _____. *Teogonia A Origem dos Deuses*. Estudo e Tradução JAA Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992.
- HOMÈRE. *Hymnes*, Texte Établi et Traduit Jean Humbert. Societé d'Édition "Les Belles Lettres". Paris. 1976.
- _____. *Iliade*. Tome III (chants xiii-xviii). Texte Étali et Traduit par Paul Mazon. Sociéte d'Édition "Les Belles Lettres". Paris. 1949.
- _____. *L'Odyssee "Poésie Homérique"*. Tome I, II e III. Texte Étali et Traduit par Victor Bérard. Sociéte d'Édition "Les Belles Lettres". Paris. 1955, 1946, 1947.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. Ediouro. Rio de Janeiro.
- _____. *Odisséia*. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. Ilustração das entradas dos cantos John Flaxman. Ediouro. Rio de Janeiro.
- MURARI PIRES, F. *Mito e História (Homero, Tucídides e os Princípios da Narrativa)*. Mimeo. São Paulo: FFLCH. 1995.
- _____. *A Vigia do Acontecer e a História do Acontecimento*. Revista Brasileira de História. São Paulo. v.15. N. 29. pp. 29-46. 1995.
- PLATÃO. *Diálogos III A República*. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro.
- _____. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1993.
- RICHARDSON, N.J. *The Homeric Hymn to Demeter*. Oxford. At the Clarendon Press. 1974.
- TORRANO, JAA. *O que é Mito, em Sentido Originário*. SBEC. 1991. p.371-4.
- _____. *Mito e Verdade em Hesíodo e Platão*. Revista Letras Clássicas. n. 2. p. 17. 1998.
- _____. *O Sentido de Zeus O Mito do Mundo e o Modo Mítico de ser o Mundo*. São Paulo: Iluminuras. 1996.
- VERNANT, J.P. "A Bela Morte e o Cadáver Ultrajado" – traduzido para o português por Elisa A Kossovitch e João Adolfo Hansen.
- _____. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Tradução de Haiganuch Sarian. São Paulo. Difusão Européia do Livro. EDUSP. 1973.

INFORME

Trato desse mesmo tema no “Capítulo IV” da minha dissertação de mestrado *Deméter: a repulsão medida*, FFLCH-USP, 2001.

MASSI, Maria Lúcia Gili. *The graia Dós*.

ABSTRACT: *This paper argues that Demeter does not distance herself of her sphere divine power while taking the disguise of an old woman at the Celeu's palace.*

KEY WORDS: *Greek epic; Homer; Homeric Hymn; Demeter; old woman, graia.*